

O Leproso (Augusto de Lima)

Que maldição da sorte, ou que graça do Eterno
paiza sobre os que são da lepra decorados?
Ou martyres de Deus ou reprobos damnados:
— a uns promessa do céu; a outros, precoce, o inferno.

A carne em flor da formosura peregrina
Tornou-se podridão de ambulante ruína,
podridão que vive, e ama, e odeia e (hedionda sorte)
cujo aspecto afugenta a propria morte;
esta o corpo dissolve em gases da atmosphera
e em mineral immenso, e novos seres gera;
mas aquella é uma dôr estéril que irradia,
sem ser vida, nem morte, em continua agonia!

Sem nojo de si mesma e causa nojo ao mundo;
ao seu lado, é uma flor o verme mais immundo.
O misero mortal posto no leprosario
é um ermitão sem orte, um monje involuntario;
da sociedade que o repelle,
a clausura, que o isola, é a sua propria pelle.

Para aggravar a pena de estar só,
até allas, uma vez, fugiu de Job.

Mas Jesus, que soffreu por todos na Paixão,
tendo sentido no horto e no Calvario
o divino abandono
e a dor da solidão,
passa os dias sem sol, vêla as noites sem sono,
dos martyres que estão no Leprosario.
Às vezes toma um leito entre os enfermos,
disfarçado em leproso, outras vezes, nos ermos
por imitar as almas desgraçadas
oae, sa'sinho, esmolar pelas estradas...

(Excerpto do "Francisco beija o leproso"
do poema "S. Francisco de Assis", de
Duquello de Lima).